

# Engajamento e reflexividade dos(as) pesquisadores(as) em jornalismo

**ROSELYNE RINGOOT**

*Gresec  
Université Grenoble Alpes  
roselyne.ringoot@univ-grenoble-alpes.fr*

**CATHERINE QUIROGA CORTÉS**

*Lerass & LaPIJ  
Université de Toulouse  
catherine.quiroga-cortes@univ-tlse3.fr  
0009-0000-3191-8875*

**LISE MÉNALQUE**

*ReSIC & LaPIJ  
Université libre de Bruxelles  
Lise.Menalque@ulb.be*

**MARIANA FAGUNDES-AUSANI**

*Arènes  
Université de Rennes & Universidade de Brasília  
fagundes.mariana@gmail.com  
0000-0003-3361-3607*



Este número especial enfoca o engajamento dos(as) pesquisadores(as) que trabalham com objetos e campos de estudo jornalísticos e que questionam as normas, práticas e metodologias de pesquisa implementadas em seus estudos, os quais se fundamentam em – ou se confrontam com – seus posicionamentos engajados. Para além das questões gerais sobre o lugar das ciências sociais na sociedade, do papel político e da responsabilidade social dos acadêmicos, o objetivo é trazer à tona e problematizar o que há de particular (ou não) no engajamento dos(as) pesquisadores(as) em jornalismo.

O número parte da constatação de que muitos(as) jovens pesquisadores(as)<sup>1</sup> relatam questionamentos ligados à relação específica, até mesmo emocional, com seu campo de pesquisa jornalístico e/ou midiático. Por serem ex-jornalistas, ou por atuarem na cobertura de eventos e regiões que lhes são muito próximos, impõe-se a necessidade de incluir essas dimensões “pessoais” em seu trabalho científico (ou, ao contrário, de distanciar-se delas). Outra constatação correlata é que embora existam muitos estudos sobre o engajamento de pesquisadores(as) e a reflexividade científica, poucos se inserem no campo da pesquisa em jornalismo e mídia.

Propor uma reflexão sobre as próprias posições como pesquisadores(as) – acadêmico(a), especialista,

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :

Roselyne Ringoot, Catherine Quiroga Cortés, Lise Ménalque, Mariana Fagundes, « Engajamento e reflexividade dos(as) pesquisadores(as) em jornalismo », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 14, n°1 - 2025, 15 juin - june 15 - 15 de junho - 15 de junio.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v14.n1.2025.653>



engajado(a), militante, observador(a) neutro(a) ou observador(a) envolvido(a) – permite aprofundar as formas e modalidades do exercício reflexivo acerca do engajamento com a pesquisa e com o objeto jornalístico. Assim como as ferramentas das ciências sociais são recursos, mas também instrumentos para a construção e compreensão do objeto de estudo, o engajamento dos(as) pesquisadores(as) pode ser visto – por eles(as) mesmos(as) – tanto como uma vantagem (por possibilitar uma maior aproximação do mundo social estudado) quanto como uma desvantagem para a pesquisa (a pessoa deve ser capaz de se distanciar da experiência da realidade). Diversas teorias e obras podem ser mobilizadas para questionar as posturas dos(as) pesquisadores(as): a abordagem construtivista, com as obras clássicas de Bourdieu (1987), mas também de Neveu (2003), Delforce (2004) e Frère e Jacquemain (2008); o engajamento nas ciências sociais e mais particularmente no jornalismo, com os escritos de Stengers e Schlander (1989), e, ainda, as ligações entre jornalismo e ciências sociais (Bastin, 2016). A dimensão objetivante do conceito interacionista de carreira também pode permitir o uso do “truque” da objetivação como uma prática de revelação (Becker, 2002), ao focalizar nas sucessivas posições ocupadas dentro de um universo, sob uma perspectiva dinâmica e processual.

Independentemente da fase ou estágio da pesquisa (emergente, intermediária, consolidada), os(as) pesquisadores(as) podem problematizar a relação entre engajamento e pesquisa sobre jornalismo, contextualizando seu trabalho a partir da perspectiva da reflexividade e do seu próprio engajamento. Esse debate suscita outra questão de fundo, a das possíveis cooperações, demarcações ou tensões entre pesquisadores(as) em jornalismo e jornalistas, no contexto de engajamentos e lutas que podem ou não ser compartilhados. De que maneira ambos os grupos se engajam por uma causa comum, como a realização de uma pesquisa acadêmica sobre a cobertura jornalística de uma mobilização social (Ruffio, 2024; Thiong-Kay, 2021), ao mesmo tempo em que desenvolvem fronteiras que constroem legitimidades distintas? Ou, de forma oposta, como administram engajamentos antagônicos?

O objetivo aqui é lançar luz sobre o que pode ser uma reflexividade científica engajada, ao depender da própria situação e das diferentes etapas que estruturam a pesquisa: a construção do objeto de estudo; a escolha, o acesso e a relação com o campo; a abordagem metodológica; o relato e a narrativa da pesquisa; o trabalho de mediação e mediatização da produção científica. Examinar a reflexividade em ação sob a perspectiva do engajamento implica adotar uma abordagem potencialmente atípica, pois envolve trabalhar com estudos de caso que se concentrem em traços específicos e circunstanciais característicos dos(as)

pesquisadores(as) em jornalismo. Ao considerar diversos fatores, como a trajetória da pesquisa, a experiência pessoal, a construção do objeto empírico jornalístico, a gestão dos desafios políticos ligados ao tema de estudo e sua possível politização, tal abordagem pode revelar-se, até certo ponto, arriscada, uma vez que a formulação de um questionamento reflexivo em sua dimensão engajada é um exercício pouco comum em nossos campos de pesquisa. O regime enunciativo correlato também representa um desafio, e, conforme o caso, pode-se optar pelo uso assumido da primeira pessoa, apropriado à narração de um “eu” científico, embora pouco alinhado às normas da escrita científica.

Os editores deste número se encontraram por ocasião do colóquio de 2022 mencionado acima, e sua afinidade científica se baseou, mais especificamente, em torno de duas noções – a de “intelectual específico” (Foucault, 1976) e a de “saber localizado” (Haraway, 1988) – que refletem referenciais distintos, porém complementares, no intuito de lançar luz sobre a articulação entre engajamento e reflexividade. A reflexão de Michel Foucault sobre o “intelectual específico” refere-se à sua posição e suas formas de intervenção política. Insere-se no contexto dos movimentos militantes e contestatórios da década de 1970, na França, e, mais especificamente, no projeto de criação do Grupo de Informação sobre as Prisões, para o qual o Foucault contribuiu. Já a noção de “saber localizado” surgiu nos anos 80, nos Estados Unidos, graças aos estudos feministas que, ao considerarem as relações de poder (de classe, raça, gênero etc.), passaram a contestar a epistemologia de uma visão “objetiva” das ciências humanas (Bereni *et al.*, 2020). Até então, os indivíduos estudados(as) apareciam desincorporados(as), evidenciando a predominância da epistemologia “clássica” do “universalismo masculino” (Nelson, 2003) segundo a qual os(as) pesquisados(as) são “naturalmente” percebidos(as) como do gênero masculino, brancos(as), sem deficiência e heterossexuais. Da mesma forma, aplicavam-se aos(as) pesquisadores(as) os pilares da “objetividade”, do distanciamento e da “neutralidade” em relação aos seus objetos de pesquisa.

O primeiro prisma que nos parece esclarecedor para abordar a questão em pauta remete aos movimentos contestatórios do final dos anos 60 e início dos anos 70, na França. Michel Foucault desenvolveu a noção de “intelectual específico” num movimento reflexivo que visava precisar seu papel e engajamento no surgimento de diversos “grupos de informação”, voltados tanto às prisões quanto à saúde e ao manicômio (Artières, 2002). Ao mesmo tempo, ele buscava se desvincular da figura do escritor onisciente e defensor de causas políticas, a do “intelectual universal” personificado por Jean-Paul Sartre. Essa distinção formulada por Foucault destaca o saber vinculado a um objeto de pesquisa definido e específico: “Os intelectuais se

habitaram a trabalhar não no ‘universal’, no ‘exemplar’, no ‘iusto-e-verdadeiro-para-todos’, mas em setores determinados.” (Foucault, 1977/2004, p. 8). Ele se posiciona como “intelectual específico”, atuando em campos de pesquisa determinados (prisão, loucura, sexualidade), que também são questionados por diferentes categorias de agentes sociais envolvidos.

Embora opte pela designação de “intelectual”, Foucault se refere às operações de pesquisa para definir a especificidade que o qualifica. “O intelectual específico” se posiciona na busca da verdade, definida como “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (ibid, p.11). O “intelectual específico” foucaultiano não tem a vocação de se expressar em nome dos grupos sociais que estuda (como os detentos) e seu posicionamento fundamenta-se em sua expertise no campo de conhecimento pertinente. Não obstante, “o trabalho do ‘intelectual específico’ consiste, acima de tudo, em repensar as categorias de análise do mundo social e redefinir as problemáticas relevantes, confrontando as ideias recebidas e os padrões rotineiros de percepção” (Sapiro, 2009, p. 28). Para Michel Foucault, a busca pela verdade articula problematização e politização, na medida em que a problematização abre a possibilidade para o surgimento de novas politizações. Não se trata tanto de um engajamento *por* uma causa, mas sim de um engajamento *do* pesquisador.

O segundo prisma adotado aqui inspira-se nas reflexões de pesquisadoras feministas anglo-saxãs (Hartsock, 1983; Haraway, 1991; Harding, 1992), que iniciaram um processo epistemológico de “sexualização do conhecimento”. O gênero, enquanto construção social das diferenças de sexo e das identidades, “(...) obriga a repensar as categorias e os esquemas analíticos” (Laufer, et al., 2010, p.11), assim como a própria posição dos(as) pesquisadores(as) frente aos seus objetos de pesquisa. Haraway (1988) descreve os “saberes localizados” (*situated knowledges*) como uma releitura dos critérios de cientificidade a partir de posições feministas (levando em consideração as variáveis de gênero), ou seja, uma reflexividade necessária sobre o que contou na escolha da produção de saber, o que os(as) pesquisadores(as) escolheram excluir e por quê, e o que teve peso na construção do sujeito de pesquisa (Puig de la Bellacasa, 2003). Para além da renovação epistemológica no campo dos saberes feministas, essa forma de pensar a relação “pesquisador(as)/ objeto de pesquisa”, bem como as reflexões sobre a “objetividade científica”, reverberam por todas as áreas das ciências humanas.

Há vários anos, pesquisadores(as) em jornalismo vêm declarando sua adesão à epistemologia dos “saberes localizados”, buscando, em particular, lançar luz

sobre zonas de sombra frequentemente negligenciadas na literatura. Nesse sentido, Cathy Marston (1999) caracterizou como capacitista a formação recebida por jovens jornalistas no final dos anos 90, por valorizar a sobrecarga de trabalho, algo que os corpos sem deficiência estão mais aptos a suportar. Mais recentemente, Kristin S. Orgeret (2020) valeu-se dessa postura epistemológica para convocar pesquisadores(as) em jornalismo a conferir maior centralidade às emoções em suas pesquisas, com o objetivo de oferecer visões mais inclusivas da profissão jornalística. Situar-se em relação ao seu objeto de pesquisa e/ou às pessoas entrevistadas conduz a uma reflexão sobre as relações de poder induzidas pelas posturas de pesquisa, naquilo que Patrick Charaudeau chama de “tensão entre uma postura que exigiria que ele [o(a) pesquisador(a)] denunciasse o que os discursos dominantes ocultam e outra que, ao contrário, espera dele uma neutralidade axiológica” (2013, p.2). Trata-se de articular as condições materiais da existência dos(as) pesquisadores(as) à produção de conhecimento por meio de seus objetos de pesquisa e seus engajamentos específicos (Clair, 2016), conforme proposto por Harding na teoria do ponto de vista ou *standpoint theory* (1987).

Ambas as abordagens nos convidam a um exercício reflexivo acerca das condições de produção do conhecimento, as posturas adotadas e os efeitos de poder envolvidos em qualquer pesquisa. Nesse sentido, elas nos parecem constituir recursos férteis para pensar as formas de engajamento dos(as) pesquisadores(as) em jornalismo. No entanto, não esgotam, por si só, a diversidade de posicionamentos adotados por esses(as) pesquisadores(as). Os textos de Gabrielle Ramain e Clémence Petit se enquadram ambos na epistemologia feminista e na dos saberes localizados, compartilhando uma reflexão sobre a articulação entre um passado recente como jornalistas e um presente como jovens pesquisadoras cujo campo de estudo é o jornalismo. O trabalho emocional de pesquisa visibilizado por Gabrielle Ramain oferece chave para entender a transição entre esses dois universos profissionais; por sua vez, a delimitação do campo e as modalidades de entrevista apresentadas por Clémence Petit evidenciam os múltiplos níveis de reflexão envolvidos. Duas outras autoras compartilham um ponto em comum: o movimento social dos Coletes Amarelos (mais especificamente, suas produções midiáticas e comunicacionais) como campo fundador, que dá origem a dois exercícios reflexivos bastante distintos. O texto de Mélanie Lecha explora em que medida ela conseguiu (ou não) conciliar seu ativismo como ex-“colete amarela” com sua postura de pesquisadora, enquanto o de Brigitte Sebbah evidencia como a simultaneidade entre o evento mediatizado e a pesquisa performada conduz, ao mesmo tempo, à desconstrução dos discursos midiáticos dominantes. Já o artigo de Emmanuel Marty ancora-se no conceito de neutralidade axiológica e na empiria das entrevistas

e dos corpora jornalísticos, colocando em perspectiva a reflexividade e o engajamento do pesquisador no estudo dos materiais discursivos.

Esses trabalhos são complementados por três entrevistas com colegas francês, estadunidense e brasi-

leiro, que discutem sua relação com o engajamento. É para essa pluralidade de formas de engajamento científico no jornalismo que este número busca contribuir.

## NOTES

---

<sup>1</sup>. A ideia deste número da revista surgiu a partir da segunda edição da Jornada de Jovens Pesquisadores(as) (denominada Jornada Metodológica) dos Encontros Internacionais de Pesquisa sobre Jornalismo, que ocorreram em Bordeaux, em dezembro de 2022. O tema do painel, dedicado às “lutas dos(as) pesquisadores(as) em jornalismo”, dialogava com o colóquio ocorrido na véspera, centrado no jornalismo como uma profissão de lutas. Como o vocabulário de luta esteve no cerne das duas edições anteriores (Sobre

jornalismo, volume 13, números 1 e 2), optamos por redirecionar o projeto editorial, enfocando de forma mais específica o engajamento e a reflexividade científica.

## RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

- Alamo-Pastrana, C., & Hoynes, W. (2020). Racialization of news: Constructing and challenging professional journalism as "White Media". *Humanity & Society*, 44(1), 67-91. doi:10.1177/0160597618820071
- Alemán, S. M. (2017). A critical race counterstory: Chicana/o subjectivities vs. journalism objectivity. *Taboo: The Journal of Culture and Education*, 16(1), 8.
- Berkowitz, D. A. (1997). *The social meanings of news: A text-reader*. Thousands Oaks, CA: Sage.
- Boczkowski, P. J., & Papacharissi, Z. (2017). *Trump and the media*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Bourdieu, P. (1977). *Outline of a theory of practice*. New York: Cambridge University Press.
- Bourdieu, P. (1998). *Practical reason: On the theory of action*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Carlson, M., Robinson, S., & Lewis, S. C. (2021). *News after Trump: Journalism's crisis of relevance in a changed media culture*. New York: Oxford University Press.
- Carlson, M., Robinson, S., Lewis, S. C., & Berkowitz, D. A. (2018). Journalism Studies and its core commitments: The making of a communication field. *Journal of Communication*, 68(1), 6-25. doi:10.1093/joc/jqx006
- Chambers, D., Steiner, L., & Fleming, C. (2004). *Women and journalism*. New York: Routledge.
- Christians, C. G., & Carey, J. W. (1989). The logic and aims of qualitative research. In G. H. Stempel & B. H. Westley (Eds.), *Research methods in mass communication* (2nd ed., pp. 354-374). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Dierickx, L., & Lindén, C.-G. (2024). From bytes to bylines: A history of AI in journalism practices. In T. s. Tófalvy & I. Vobic (Eds.), *Histories of digital journalism: The interplay of technology, society and culture* (pp. 69-81). London; New York: Routledge.
- Elsheikh, D., Jackson, D., & Jebiril, N. (2024). Revisiting the hierarchy of influences on journalism in a transitional context: When the social system level prevails. *International Journal of Communication*, 18, 1-19.
- Ferrucci, P., & Kuhn, T. (2022). Remodeling the hierarchy: An organization-centric model of influence for media sociology research. *Journalism Studies*, 23(4), 525-543. doi:10.1080/1461670X.2022.2032805
- Firestein, S. (2012). *Ignorance: How it drives science*. New York: Oxford University Press.
- Hall, S. (1980). *Culture, media, language: Working papers in cultural studies, 1972-79*. London: Hutchinson.
- Hall, S. (1989). Ideology. In E. Barnouw (Ed.), *International Encyclopedia of Communication* (Vol. 2, pp. 307-311). New York: Oxford Press.
- Hall, S. (1992). The West and the rest: Discourse and power. In S. Hall & B. Gieben (Eds.), *Formations of modernity* (pp. 275-332). Cambridge: Polity Press.
- Hall, S. (1997). The work of representation. In S. Hall (Ed.), *Representation: Cultural representations and signifying practices* (pp. 13-74). London: Sage.
- Hanitzsch, T., Hanusch, F., Ramaprasad, J., & De Beer, A. S. (Eds.). (2019). *Worlds of journalism: Journalistic cultures around the globe*. New York: Columbia University Press.
- Hanitzsch, T., & Vos, T. P. (2017). Journalistic roles and the struggle over institutional identity: The discursive constitution of journalism. *Communication Theory*, 27(2), 115-135. doi:10.1111/comt.12112
- Hanitzsch, T., & Vos, T. P. (2018). Journalism beyond democracy: A new look into journalistic roles in political and everyday life. *Journalism*, 19(2), 146-164. doi:10.1177/1464884916673386
- Hanitzsch, T., Vos, T. P., Standaert, O., Hanusch, F., Hovden, J. F., Hermans, L., & Ramaprasad, J. (2019). Role orientations: Journalists' views on their place in society. In T. Hanitzsch, F. Hanusch, J. Ramaprasad, & A. S. De Beer (Eds.), *Worlds of journalism: Journalistic cultures around the globe* (pp. 161-197). New York: Columbia University Press.
- Hanusch, F., & Vos, T. P. (2020). Charting the development of a field: A systematic review of comparative studies of journalism. *International Communication Gazette*, 82(4), 319-341. doi:10.1177/1748048518822606
- Herman, E. S., & Chomsky, N. (2002). *Manufacturing consent: The political economy of the mass media*. New York: Pantheon Books.
- Lewin, K. (1951). *Field theory in social science: Selected theoretical papers*. New York: Harper.
- Mitchelstein, E., & Boczkowski, P. J. (Eds.). (2023). *Digital journalism in Latin America*. New York; London: Taylor & Francis.
- Ornebring, H. (2018). Journalism and change. In T. P. Vos (Ed.), *Journalism* (Vol. 19, pp. 555-574). Berlin, Boston: Walter De Gruyter.
- Parks, P. (2019). Covering Trump's 'carnival': A rhetorical alternative to 'objective' reporting. *Journalism Practice*, 13(10), 1164-1184. doi:10.1080/17512786.2019.1577696
- Parsons, C. (2007). *How to map arguments in political science*. New York: Oxford Press.
- Robinson, S., & Culver, K. B. (2019). When White reporters cover race: News media, objectivity and community (dis)trust. *Journalism*, 20(3), 375-391. doi:10.1177/1464884916663599
- Schudson, M. (1978). *Discovering the news: A social history of American newspapers*. New York: Basic Books.
- Schudson, M. (2001). The objectivity norm in American journalism. *Journalism*, 2(2), 149-170.
- Shoemaker, P. J. (1991). *Gatekeeping*. Newbury Park: Sage Publications.
- Shoemaker, P. J., & Cohen, A. A. (2006). *News around the world: Content, practitioners, and the public*. New York: Routledge.
- Shoemaker, P. J., & Reese, S. D. (2014). *Mediating the message in the 21st century: A media sociology perspective* (3rd ed.). New York: Routledge.
- Shoemaker, P. J., Tankard, J. W., & Lasorsa, D. L. (2004). *How to build social science theories*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Shoemaker, P. J., & Vos, T. P. (2009). *Gatekeeping theory*. New York: Routledge.

- Steiner, L. (1988). Oppositional decoding as an act of resistance. *Critical Studies in Mass Communication*, 5(1), 1-15. doi:10.1080/15295038809366682
- Tandoc, E. C., Hellmueller, L., & Vos, T. P. (2013). Mind the gap: Between journalistic role conception and role enactment. *Journalism Practice*, 7(5), 539-554. doi:10.1080/17512786.2012.726503
- Vos, T. P. (2002). Newswriting structure and style. In W. D. Sloan & L. M. Parcell (Eds.), *American journalism: History, principles, practices* (pp. 296-305). Jefferson, NC: McFarland & Co.
- Vos, T. P. (2010). A cultural explanation for early broadcast policy: Professionalism, voluntarism, and U.S. Broadcast Networks. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 54(2), 179-193.
- Vos, T. P. (2011). A mirror of the times: A history of the mirror metaphor in journalism. *Journalism Studies*, 12(5), 575-589.
- Vos, T. P. (2012). 'Homo Journalisticus:' Journalism education's role in articulating the objectivity norm. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 13(4), 435-449. doi:10.1177/1464884911431374
- Vos, T. P. (2013). Explaining the origins of the advertising agency. *American Journalism*, 30(4), 450-472. doi:10.1080/08821127.2013.846714
- Vos, T. P. (2016). Historical perspectives on journalistic roles. In C. Mellado, L. Hellmueller, & W. Donsbach (Eds.), *Journalistic role performance: Concepts, models, and measures* (pp. 41-59). New York: Routledge.
- Vos, T. P. (2019). Journalism as institution. In H. Ornebring (Ed.), *Oxford Research Encyclopedia of Communication*. Oxford; New York: Oxford University Press.
- Vos, T. P. (2023a). The social roles of journalism. In S. Allan (Ed.), *The Routledge companion to news and journalism* (2nd ed., pp. 73-81). Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge.
- Vos, T. P. (2023b). Theory, concepts, and historiography: An overview. In M. M. Garza, M. Fuhlhage, & T. Lucht (Eds.), *The Routledge Companion to American Journalism History* (pp. 401-410). New York; London: Routledge.
- Vos, T. P., & Finneman, T. (2017). The early historical construction of journalism's gatekeeping role. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 18(3), 265-280. doi:10.1177/1464884916636126
- Vos, T. P., & Li, Y. (2013). Justifying commercialization: Legitimizing discourses and the rise of American advertising. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 90(3), 559-580. doi:10.1177/1077699013493787
- Vos, T. P., & Moore, J. (2018). Building the journalistic paradigm: Beyond paradigm repair. *Journalism*, 1464884918767586. doi:10.1177/1464884918767586
- Vos, T. P., & Perreault, G. P. (2020). The discursive construction of the gamification of journalism. *Convergence*, 26(3), 470-485. doi:10.1177/1354856520909542
- Vos, T. P., & Russell, F. M. (2019). Theorizing journalism's institutional relationships: An elaboration of Gatekeeping Theory. *Journalism Studies*, 20(16), 2331-2348. doi:10.1080/1461670X.2019.1593882
- Vos, T. P., & Thomas, R. J. (2018). The discursive construction of journalistic authority in a post-truth age. *Journalism Studies*, 19(13), 2001-2010. doi:10.1080/1461670X.2018.1492879
- Vos, T. P., & Thomas, R. J. (2019). The discursive (re)construction of journalism's gatekeeping role. *Journalism Practice*, 13(4), 396-412. doi:10.1080/17512786.2018.1478746
- Waisbord, S., & Mellado, C. (2014). De-westernizing Communication Studies: A reassessment. *Communication Theory*, 24(4), 361-372. doi:10.1111/comt.12044
- White, D. M. (1950). The 'gate keeper:' A case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, 27(4), 383-390.
- Wolfgang, J. D., Vos, T. P., Kelling, K., & Shin, S. (2021). Political journalism and democracy: How journalists reflect political viewpoint diversity in their reporting. *Journalism Studies*, 22(10), 1339-1357. doi:10.1080/1461670X.2021.1952473
- Zelizer, B. (2019). Why journalism is about more than digital technology. *Digital Journalism*, 7(3), 343-350. doi:10.1080/21670811.2019.1571932